



EUROPA

Por 279 votos contra 81, Assembleia Nacional ratifica projeto aprovado pelo Senado e coloca o país entre os que adotam medidas para preservar os menores de conteúdo prejudicial disponível em sites e aplicativos

França proíbe redes sociais para menores

Ludovic Marin/pool/AFP



O presidente francês, Emmanuel Macron: restrições propostas de olho na eleição presidencial de 2027, com os extremos políticos na liderança das pesquisas



A França abre o caminho, na Europa, para a proteção de nossas crianças e adolescentes. Seguimos adiante"

Emmanuel Macron, presidente da França



Como acreditar seriamente que, em poucas semanas, em pleno verão, um sistema tão complexo poderá estar operacional?"

Mathilde Ollivier, senadora ecologista

de verificação de idade", e outras estão em desenvolvimento. Por outro lado, o texto prevê algumas exceções à proibição, como as "enciclopédias on-line" ou os "projetos digitais com fins educacionais".

Quanto ao YouTube e ao WhatsApp, a autora do texto na Assembleia Nacional, Laure Miller, esclareceu que essas plataformas deverão implementar uma

verificação etária para a parte equiparável a uma rede social (canais para compartilhar conteúdo ou comentários). Segundo ela, a simples visualização de vídeos ou o intercâmbio interpessoal de mensagens não seriam afetados pela proibição.

A pressão sobre os políticos europeus para que tomem ações sobre o assunto aumentou desde que a Austrália se tornou o

primeiro país do mundo a proibir as redes sociais para menores de 16 anos, no início do ano. O Reino Unido aprovou uma medida similar, que entra em vigor no começo de 2027. Na semana passada, a Comissão Europeia (CE, braço executivo da União Europeia) anunciou que avalia estabelecer um acesso "progressivo e gradual" de crianças e adolescentes às plataformas digitais.

Cai chefe militar da Ucrânia

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky, destituiu Oleksandr Syrskyi do cargo de comandante-chefe do Exército e nomeou, em seu lugar, o popular comandante das Forças Conjuntas, Mykhailo Drapaty, em meio ao descontentamento após a saída do ministro da Defesa, Mykhailo Fedorov, anunciada no fim da última semana e recebida com protestos.

"Decidi que o novo comandante-chefe das Forças Armadas da Ucrânia será Mykhailo Drapaty", escreveu Zelensky em sua conta na rede social Telegram. "Sou grato a Oleksandr Syrskyi e a cada um de nossos combatentes pelas sólidas posições da Ucrânia na linha de frente", completou. Oleksandr Sirsy, de 60 anos, ocupava este cargo desde 2024. Ele comandou a defesa de Kiev no início da invasão russa, em fevereiro de 2022.

Sua destituição ocorre depois de vários dias de manifestações em apoio ao ministro da Defesa, Mykhailo Fedorov, cuja destituição foi anunciada em 14 de julho. Ele acusou Sirsy de ter pressionado o presidente pela sua saída e de ter dificultado sua tentativa de reformar o Exército.

Nascido na Rússia e formado em Moscou, Oleksandr Sirsy nunca conseguiu se desvencilar da reputação de general com mentalidade formada na hoje extinta União Soviética, à qual a Ucrânia pertenceu até sua dissolução, em 1991. Os críticos afirmam que Sirsy dá pouca atenção às perdas humanas, o que lhe rendeu o apelido de "açougueiro".

Genya Savitov/AFP



O novo comandante militar da Ucrânia, Mykhailo Drapaty

AMÉRICAS

Condenação à escalada autoritária na Nicarágua

» RODRIGO CRAVEIRO

Washington e a Organização dos Estados Americanos (OEA) condenaram o anúncio do presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, de proibir a realização de eleições no país da América Central. A decisão busca anular a oposição e representa uma escalada autoritária sem precedentes em Manágua. O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, afirmou que o governo de Donald Trump e a comunidade internacional "não ficarão de braços cruzados enquanto a ditadura Murillo-Ortega aprofunda a repressão e fabrica uma instabilidade que ameaça a segurança nacional dos EUA".

"A promessa de Ortega de abolir as eleições na Nicarágua comprova sua covardia e seu medo da vontade do povo nicaraguense", destacou o chefe da diplomacia da Casa Branca, em uma publicação na rede social X. Em outra manifestação, por meio de um comunicado, Rubio disse que "a declaração de Ortega de que a Nicarágua jamais realizará eleições novamente demonstra sua verdadeira natureza autoritária". Ele pediu à comunidade internacional que "una forças" para mostrar à "ditadura que ela não pode continuar fingindo que nada está acontecendo".

Alberto Randim, secretário-geral da OEA, disse que o regime nicaraguense "abandonou a democracia e até mesmo sua aparência". "A eliminação das eleições constitui a negação definitiva do direito soberano do povo de escolher o seu governo. Eleições livres, justas e periódicas não são opcionais; são um elemento essencial da democracia representativa. A erosão da democracia em qualquer país das Américas nunca é uma questão exclusivamente interna. Ataques às instituições democráticas nacionais têm consequências regionais, minam a governança democrática e afetam a estabilidade e os valores compartilhados do Hemisfério", comentou.

"Peso real"

Ex-prespo político, líder da oposição e do partido Ruta del Cambio ("Rota de mudança"), Félix Maradiaga afirmou ao **Correio** que a reação dos EUA é "oportuna e necessária". "O fato de o Departamento de Estado chamar as coisas pelo seu nome e falar de uma ditadura familiar tem peso real. Durante anos, Ortega apostou em passar despercebido e em convencer Washington de que a Nicarágua não merecia atenção. Ao ligar a repressão e a instabilidade causadas

Cesar Perez/EI 19 Digital/AFP



Daniel Ortega durante celebração do 47º aniversário da Revolução Sandinista

pelo regime à segurança regional, Rubio mina essa estratégia", acrescentou.

Para Maradiaga, a condenação por parte dos EUA, da Costa Rica e de outras democracias deve convergir para uma "estratégia unificada". "Ortega só entende uma linguagem: a do custo. É nosso dever elevar esse custo", defendeu o ex-candidato à Presidência da Nicarágua.

Enrique Sáenz, analista nicaraguense exilado na Costa Rica e ex-deputado,

lembrou que, em julho de 2025, a Assembleia-Geral da OEA condenou as violações de direitos humanos de Ortega e, simultaneamente, pediu que ele retornasse à organização. "Foi algo incompreensível, um absurdo. Quase ao mesmo tempo, enquanto a OEA aprovava a declaração de censura, a delegação da Nicarágua era eleita para presidir a Associação de Estados do Caribe — pelos mesmos 25 países que, poucas horas antes, haviam condenado Ortega!", disse.

De la Espriella sofre derrota

Antes mesmo de tomar posse, em 7 de agosto, o presidente eleito da Colômbia, Abelardo de la Espriella, amargou a primeira derrota política. O novo Congresso votou contra seu candidato à presidência do Senado, marcando um início adverso na tentativa do ultraconservador de construir maiorias legislativas. Sem partido próprio e com um discurso antissistema, De la Espriella busca apoio dos parlamentares para levar adiante suas reformas.

Na segunda-feira, ele perdeu uma primeira batalha depois que os 284 membros do novo Congresso, eleitos em março, tomaram posse de seus cargos por um período de quatro anos. Uma vez constituído, o Senado votou contra o candidato de De la Espriella para presidir a Câmara Alta e, em vez disso, elegeu um dirigente do partido do ex-presidente Álvaro Uribe, que nos últimos dias se distanciou do governo eleito.

Em um fato inusitado, a esquerda derrotada no segundo turno da eleição presidencial de 21 de junho passado uniu-se à direita tradicional para derrotar o aliado de De la Espriella. Tradicionalmente, na Colômbia, um aliado do presidente é escolhido como máxima autoridade do Senado para garantir a aprovação de suas primeiras propostas.